



06 A 09 DE MAIO DE 2015 - SANTA MARIA - RS

ISSN 2446-5542

BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR/ALUNOS NA MODERNIDADE LÍQUIDA: DIFERENCIANDO AFETOS MAGISTERIAIS DOS AFETOS FAMILIARES

Alessandra Ferreira de Camargo*

Resumo: A organização das sociedades contemporâneas configura uma nova forma de relacionamento e de convívio entre as pessoas. No presente trabalho é feito um estudo da evolução do entendimento da sociedade sobre o papel da afetividade e de como os afetos influenciam as relações pedagógicas. As mudanças macro que estão acontecendo na sociedade já estão afetando a maneira como acontecem as relações entre professores e alunos na escola. Cada vez mais, devido à individualização, à crise de autoridade, à falta de tolerância, entre outros, existe uma confusão sobre o que seriam relações de afeto professor/alunos. Em algumas camadas, mesmo que inconscientemente, professores tentam substituir a relação afetiva que deveria acontecer na família. Conclui-se que é preciso estudar e aprofundar como acontecem essas relações para que seja possível uma readequação das expectativas lançadas sobre as relações professor/alunos e para melhor desenvolver os afetos magisteriais.

Palavras-chave: Relação professor-aluno. Afetividade. Afeto. Educação.

Introdução

A organização das sociedades atuais representa um obstáculo para a comunicação e o estabelecimento de relações interpessoais saudáveis. Bauman (2001, p. 43) afirma que há uma individualização compulsória e fatal da qual não é possível escapar, que é um dos reflexos da modernidade líquida em que se vive hoje. As pessoas estão “com os olhos postos em seu próprio desempenho – e, portanto, desviados do espaço social onde as contradições da existência individual são coletivamente produzidas.” (2001, p. 48). Como se relacionar em sociedade se os indivíduos permanecem voltados somente para si? Como se relacionar com o outro se há uma intolerância mútua e um desrespeito às diferenças? Bauman (2001, p. 123)

* Mestranda em Educação pela Universidade de Passo Fundo - RS (UPF), licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas pela UPF e especialista em Administração Escolar pela UPF. Professora de Língua Inglesa de escola da rede privada e da rede pública de ensino. E-mail: ale_zuka@yahoo.com.br

mostra que “a capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. Essa capacidade é uma arte que, como toda arte, requer estudo e exercício.”.

Nesse sentido, o espaço escolar também enfrenta muito obstáculos. Atualmente, são muitos os casos de violência, de individualização, de falta de diálogo e de ineficiência na escola que são divulgados nas produções acadêmicas, na mídia e na percepção cotidiana com crescente frequência. Estas situações relatadas não contribuem para que a escola se constitua um ambiente de socialização e de aprendizagem, que é o esperado dela. As relações professor/alunos, portanto também estão cada vez mais conflitantes e conturbadas. Uma das razões para essas relações estarem comprometidas é a mudança da sociedade, consequência do enfraquecimento e crise na tradição. Tardif explica que “as bases de conhecimento sobre as quais os professores se apoiavam tradicionalmente estão comprometidas ou fragilizadas: religiões, tradições, experiências, arte de ensinar, ciências da educação ou nova pedagogia, tudo isto se encontra, agora, marcado pelo selo da incerteza.” (2012, p.149). Arendt também aponta para a desvalorização da tradição na nossa sociedade contemporânea.

A verdadeira dificuldade da educação moderna reside pois no fato de, para lá de todas as considerações da moda sobre um novo conservadorismo, ser hoje extremamente difícil garantir esse mínimo de conservação e de atitude de conservação sem a qual a educação não é simplesmente possível. E há boas razões para isso. A crise de autoridade na educação está intimamente ligada com a crise na tradição, isto é, com a crise da nossa atitude face a tudo o que é passado (ARENDT, 1992, p. 48).

Sem a consciência de passado é difícil o jovem ver perspectiva no futuro e fugir do conformismo e da delinquência. Além da crise na tradição, há a crise na autoridade. Como aponta Mühl (2013, p.18) “a relação do professor com o aluno não pode prescindir da autoridade, e esta se sustenta sobre dois pilares: o imperativo do conhecimento e a legitimidade social da escola.”.

Apesar de todas as dificuldades, há relatos positivos. Ainda existem relações satisfatórias entre professores e alunos que marcam positivamente a construção do conhecimento e a formação de cidadãos críticos para viverem e transformarem a sociedade atual. Segundo Tardif “a relação de inúmeros professores com os alunos e com a profissão é, antes de tudo, uma relação afetiva.” (2012, p.151). Nesse sentido, parece pertinente investigar o que significa construir relações afetivas no ambiente escolar. Que tipo de afeto é construído na relação professor/alunos? Há uma pressão da sociedade para que o professor tenha pelo

aluno o mesmo afeto que a família tem? Existe na literatura alguma diferenciação teórica entre o afeto magisterial e o afeto familiar na relação professor/alunos? É pertinente investigar tais dimensões de afeto? Qual é a relação educativa e afetiva estabelecida pelo aluno e sua família? O presente artigo busca a elucidação de pelo menos algumas das questões anteriormente propostas. E, para tal, o texto será dividido em duas seções. A primeira será um panorama teórico da sociedade atual e das relações que se estabelecem na nossa modernidade líquida e a segunda sobre a relação de afetividade entre professor e alunos em contrapartida com a relação entre aluno/família.

1 Panorama da afetividade na sociedade da modernidade líquida

O afeto é uma expressão fundamental para o desenvolvimento humano. Desde a época de Descartes o homem estuda as emoções e as suas implicações na forma de viver em sociedade. As emoções estão diretamente ligadas com a forma de pensar e são as manifestações do que é pensado e sentido. Galvão mostra que

As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca (GALVÃO, 1995, p. 61).

Essa diferenciação entre emoção e afetividade se faz necessária, já que na linguagem comum elas são utilizadas como palavras sinônimas, apesar de não serem. Além disso, “ao longo do desenvolvimento, a afetividade vai adquirindo relativa independência dos fatores corporais” (GALVÃO, 1995, p. 62) já que com a aquisição da linguagem, as ideias, sentimentos e emoções podem ser expressos através do uso das palavras.

Nos séculos XVII e XVIII Kant persiste em considerar as paixões um câncer da razão, posteriormente Descartes e Spinoza apontaram aspectos positivo das paixões como, por exemplo, sua função civilizadora. Assim, a partir desse momento, houve mais estudos sobre as paixões e os filósofos encontraram paixões prudentes e benéficas e puderam estabelecer divisões. Assim foram consideradas positivas as paixões prudentes e calmas e as paixões “calientes fueron en general confinadas a la esfera privada de la intimidad.” (ABRAMOWSKI, 2014, p. 39). Assim, a esfera privada constituiu-se um refúgio para o eu. Dentro da intimidade era, então, possível viver e sentir intensamente. Havia, portanto, um eu interior e profundo e um eu de aparências. Posteriormente a esse momento, iniciou-se um

tempo de maior cuidado com a infância e com a saúde das crianças. Neste ponto, cabe ressaltar a ideia de Rousseau *apud* Abramowski (2014, p. 44) sobre a infância “el niño es niño: ‘Él no debe ser ni animal ni hombre, sino niño’. Luego agrega que ‘la naturaleza ha formado a los niños para ser amados y socorridos’. ‘Amad a la infancia; favoreced sus juegos, sus placeres, su amable instinto’”.

A partir do século XX com a ascensão da psicologia e do feminismo, passou a vigorar um novo estilo emocional. Nele, as emoções passaram a ser expostas na esfera pública e a ser submetidas aos olhares e julgamento dos outros. Assim, a expressão do eu transformou-se rapidamente numa exibição do eu. Hannah Arendt também alerta para o fato de a organização familiar atual negligenciar a proteção da individualidade da criança, ser em formação.

Esses quatro muros, ao abrigo dos quais se desenrola a vida familiar, constituem uma proteção contra o mundo e, em particular, contra o aspecto público do mundo. Delimitam um lugar seguro sem o qual nenhuma coisa viva pode prosperar. Isto é válido, não somente para a vida da criança, mas também para a vida em geral – por todo o lado em que esta é constantemente exposta ao mundo sem a proteção da intimidade e da segurança privadas, a sua qualidade vital é destruída. [...] Por mais forte que seja a sua tendência para se orientar para a luz, aquilo que é vivo necessita da segurança da obscuridade para alcançar a maturidade.” (ARENDT, 1992, p. 38-39).

O que acontece é que desde muito cedo, as crianças são transformadas em uma “espécie de mundo” e condenadas à exposição da vida pública. Em consequência dessa publicidade do que é privado, o público deixou de ser um espaço despersonalizado, anônimo e frio. Assim, conforme aponta Abramowski (2014, p. 49), “la experiencia humana afectiva viene sufriendo transformaciones que están alcanzando una innegable notoriedad.”, o que torna portanto pertinente a investigação da influencia dos afetos nas relações pedagógicas estabelecidas na contemporaneidade.

2 Relações de afetividade e a educação: professor/alunos e aluno/família

A escola é um espaço onde convivem muitos seres humanos diariamente, por muito tempo, por isso é previsível que entre esse seres humanos se desenvolvam relações de afeto. Tais relações precisam ser construídas e desenvolvidas ao longo do tempo para serem relações saudáveis. A relação pode e deve ser construída, mas não deve ser forçada para suprir uma aparente falta de afeto familiar. Abramowski alerta para o perigo do senso comum dito verdadeiro:

se dice que hay alumnos carentes de afecto [...] y esto obligaría a los maestros a brindarlo *compensatoriamente*, supliendo lo que la familia y otras instituciones no prestan. El cariño que falta se considera un cariño *necesario* para el desarrollo de las tareas escolares, a fin de que la enseñanza y el aprendizaje sean posibles. (ABRAMOWSKI, 2014, p. 20-21)

Ora, o perigo de tentar suprir o afeto familiar é catastrófico, pois o professor limita parte de sua atenção nesta tarefa e deixa de priorizar a atenção na aprendizagem do conhecimento pelo aluno. Nesse sentido, Tedesco e Fanfani afirmam que

Ser maestro en el nuevo contexto familiar y de los sistemas de producción y difusión de sentidos puede constituir una ocasión para profesionalizar al maestro o bien puede tener un efecto contrario. La respuesta es una cuestión de cultura y de política. Si se decide que el maestro simplemente "sustituya" a la familia en el cumplimiento de ciertas tareas de contención afectiva o de orientación ético-moral (como es ciertamente el caso en ciertos contextos) el resultado es un retroceso en el perfil profesional de la actividad. La maestra "madre-sustituta" está lejos de la maestra profesional especialista en enseñanza y aprendizaje de determinados contenidos culturales socialmente válidos (TEDESCO; FANFANI, 2002, p. 6-7)

Assim, o professor, em nome de uma afetividade substituta, se distancia do seu saber pedagógico de ensinar e garantir a aprendizagem. E, conseqüentemente, perde um dos alicerces para constituir a sua autoridade em sala de aula, a sua especialidade no saber que ensina. Além disso, os afetos do professor pelos seus alunos, conforme mostra Abramowski, “non son naturales, espontáneos, instintivos, universales, eternos ni inmutables. Tampoco son puros, ni algo de por sí bueno o saludable. Se trata de afectos históricos, cambiantes, contruidos, aprendidos.” (2014, p. 53).

De tempos em tempos, algumas formas de expressar os afetos pelos estudantes são socialmente aceitas e outras não. Em consequência disso, Abramowski, alerta que “estas acciones de los docentes sobre sí mismos controlando el ‘libre’ fluir de los propios sentimientos y estados de ánimo (estas ‘técnicas del yo’, en términos foucaultianos) evocan la disciplina espiritual y el autoescrutinio propios de la práctica ascética” (2014, p. 61). Os professores precisam, então, nessa relação magisterial praticar o governo de si mesmos, fazendo exercícios de moderação em relação aos seus próprios sentimentos, já que a ambivalência entre amor e ódio permeia essas relações estabelecidas entre professor/alunos. Como resultado dessa ambivalência de afetos, ocorre uma tensão entre o que se sente e o que se expressa conforme Abramowski (2014, p. 66).

O carinho e as expressões do afeto pelo professor acabam sendo maneiras de seduzir os alunos para que fiquem calmos, obedeçam e realizem as atividades propostas. Tal conduta é uma adaptação cultural e de improvisação já que ao professor foi negada a autoridade antigamente natural endossada pela sociedade. Assim, para alcançar os objetivos pedagógicos de seu trabalho, o professor deve ter competência emocional. Abramowski (2014, p. 103) aponta para a responsabilidade do afeto no ambiente escolar diante da liquidez e fragilidades das relações na sociedade atual “El afecto escolar parece presentarse como lo estable (o la búsqueda de estabilidad) en un mundo inestable, como el lazo en un mundo que tiende a desatarse, como lo sólido ante lo líquido, como el compromiso frente al descompromiso.”. Diante da crise das instituições, o que fica claro é que a escola sozinha não pode cumprir o papel das demais esferas da vida do aluno. A anterior aliança entre a escola e a família fica prejudicada devido a essas mutações e instabilidades na maneira de viver e se relacionar em sociedade. A distinção principal feita então entre o afeto magisterial e o afeto familiar constitui-se na ideia de que “Al maestro le tocaba transmitir unos saberes a los alumnos, a la vez que imponer un orden disciplinario; de necesitar recurrir a algún tipo de sanción, esta debía diferenciarse de los escarmientos propinados por los padres; ‘el castigo del maestro debía ser racional y no pasional’” (ABRAMOWISKI, 2014, p. 106). O que fica claro então é que são necessárias relações de afeto entre professor/alunos, mas essas relações não deveriam se constituir na mesma esfera das relações afetivas familiares.

Considerações finais

Após o estudo realizado, é possível concluir que há ainda muito para ser investigado sobre as relações de afeto entre professores e alunos no espaço escolar. É preciso investigar como essas relações acontecem e que fatores influenciam na sua organização. Neste trabalho foi possível elucidar um pouco sobre a importância da afetividade para a relação professor/alunos, já que ela é manifestação própria do ser humano e sobre a responsabilidade que assola os professores de preencherem um espaço que antes era ocupado pela família e defendido pela sociedade.

Aos professores hoje cabe definirem o lugar possível e necessário a ser ocupado nas relações professor/alunos. Para isto, o precisa e deve ser feito é uma investigação mais aprofundada de que possíveis readaptações diante da nova configuração da sociedade e da família. Será possível à classe magisterial reafirmar a importância do saber e do pensar nessa

sociedade líquida em que vivemos? Este e outros questionamentos ficam abertos para posterior estudo.

Referências

ABRAMOWSKI, Ana. **Maneras de querer: los afectos docentes en las relaciones pedagógicas**. Buenos Aires: Paidós, 2014.

ARENNDT, Hanna. A crise na educação. In: _____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.21-53.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GASPARIM, Liege. **Interações em sala de aula: vinculações afetivas e a constituição da pessoa para Henri Wallon**. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Curso de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

HERCULANO, Márcia C. **Afetividade na relação professor-aluno: significados sob o olhar do professor do ensino médio**. Monografia (Mestrado Acadêmico em Educação) – Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

MÜHL, Eldon H. **Questões do sentido do saber escolar e da autoridade docente na sociedade do conhecimento**. 2013. Trabalho da disciplina de Estágio Sênior (Pós Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal. 2013.

SILVA, Leandro B. da. **O professor do 6º ano e suas concepções sobre afetividade: efeitos na prática docente e na aprendizagem**. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2011.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TEDESCO, J. C.; FANFANI, E T. **Nuevos tiempos, nuevos docentes**, Buenos Aires, jun. 2002. Disponível em: <http://www.udelas.ac.pa/biblioteca/librospdf/ndocentes_tenti-tedesco.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2015.